

# PROJETO PROJETO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO APRESENTAÇÃO

# Hugo Calhim Cristóvão & Joana von Mayer Trindade

*Creumar um sobrolho carrancudo senil.  
Arrancar-lhe as pálpebras no chão.  
Com gritos de canil incentivar a cadela a gemer.  
Com aprumo pescar a visão lúcida.  
A quatro mãos lacrimejar descalço o pó pisado.  
À força de não reconstruir vender os olhos.  
Castrar em sal o mar de choro emigrado na retina,  
Uma espora no flanco.*

Hugo Calhim Cristóvão

A criação visava testar nos atos e nos resultados da (dita) dança o conceito filosófico de irredução, desenvolvido por Bruno Latour em *Irreductions*. Principalmente na função de gozo e volúpia na revolta e no transgredir, destruidor de fronteiras pré-demarcadas e classificações abstractas, que este implica. Confrontar nele uma lógica de associação e imbricação, de conexões e osmose concretas, materializáveis, que se articulassem sob os verbos testar, resistir, estabilizar, desestabilizar, suceder, fracassar, des-interpretar, transgredir. Bem como testar a indistinção prática entre o que é do domínio das forças e das fraquezas (corpos que fecundam, aliviam, se deixam possuir, excretam, sofrem, suam, alimentam-se, extasiam-se, envelhecem, irreduzem) e o que é do domínio das razões e dos argumentos (corpos que pensam, classificam, abstraem, planeiam, julgam, teorizam, reduzem). Para a construção de uma “ontologia prática” em cena que vivesse o agónico não submetido.

Visava associar esta dimensão filosófica de irredução, transgressão, e insurreição, com o insurrecional político de Alfredo Maria Bonnano – *Armed Joy* –, focado na tensão-atenção de prazer. Prazer “armado”, aqui e agora liberto de uma qualquer ética de produção cultural, cálculo cultural, mais-valia cultural, ou mesmo utopia cultural, que não a do gozo e prazer (ditos) insurgentes. A partir das dimensões filosóficas e políticas testar ainda na (dita) dança a irredução das sexualidades, patologias e libidos, normatividade e perversão. E as irreduções da sanidade e da legalidade, do consenso e da norma, dos conformes e dos disformes. Ambas sob a égide do prazer e da volúpia de transgredir-agredir.

Como é nossa marca, visava também colocar o tema em confronto com ressonâncias da literatura portuguesa, no caso o experimentalismo (formal, político, poético) da obra multidisciplinar de Ana Hatherly (*Eros Frenético*, *O mestre*, e *Tisanas*) e ainda Bocage.

Com Hatherly e a poesia autodenominada “experimental” ou “concreta”, ou de “vanguarda”, ou até “poesia material”, o lúdico, o formal, o barroco e o sensual, transgridem-se e irreduzem-se. Derrubando e agredindo cisões-reducionismos entre texto e imagem, desenho e escrita, texto e performance, significante e significado, jogo e trabalho, afeto e conceito, desvio e regra, patologias e sanidade, devassidão e ascese. Pensando e praticando a arte como uma penetração concreta nos materiais usados. Uma transgressão-agressão que os torce, refaz, recombina, implode e recontextualiza, exila, tortura e extasia.

Um momento paradigmático de insurreição, entre o real e o ficcional, é Bois Caiman, a reunião-ritual-dança de possessão-estratégia que terá detonado a primeira revolta bem sucedida de escravos no Haiti. Irreduzindo fronteiras entre vida, arte, política, transgressão e libertação, origina formas mais violentas e transgressivas do próprio ritual, até então mais centrado na sobrevivência/resistência/memória.

Visava conjugar esta e outras expressões do insurrecional aplicado ao coreográfico com o estudo de arquivos patrimoniais nas artes visuais-dança-performance (Sufragettes, Nijinsky, Wigman, Rainer, Hijikata, Aktionists, Beuys, Finnley, Artaud, Mapplethorpe, Pasolini, entre outras “ruturas” [Foucault]). Para a desvinculação do coreográfico das categorias filosóficas de inutilidade e de juízo desinteressado.

Relevando as dimensões pulsionais de fraquezas e de forças, e de ação crítica, em que dança é prazer-necessidade e urgência agónica de plenitude. ♣